

1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS
AMBIENTE E USOS DO TERRITÓRIO

Da Desvitalização à Nova Ruralidade:
Identidades e Destinos do Território na Serra da Lousã

Isabel Dinis e Miguel Malta

Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC)

Os territórios enquadráveis em designações como "rural profundo", "zonas marginalizadas" ou "espaços de vigilância", ficaram à margem dos processos de desenvolvimento e atingiram, por vezes, níveis quase irreversíveis de desvitalização sócio-económica. Esta é a percepção recorrente no discurso teórico e político dominante. Contudo, esta visão manifesta um certo alheamento em relação a novas dinâmicas e tendências que se verificam nalguns destes espaços, até porque muitas delas, dado o seu carácter marginal, são desconsideradas e escapam à malha das estatísticas oficiais.

Neste cenário enquadra-se a Serra da Lousã, onde após décadas de desvitalização, se tem vindo a observar, recentemente, o surgimento de novos actores que protagonizam novas formas de sociabilidade e de apropriação do espaço. Depois de realizarmos uma reconstituição da vida sócio-económica dos habitantes tradicionais e de descrevermos o êxodo verificado, procuramos compreender estas novas tendências, através da definição de uma tipologia dos novos habitantes da serra. Estes, distintos dos anteriores, possuem uma cultura e identidade próprias, outros modos de vida e novas formas de se relacionarem. A ligação entre os habitantes e o território deixou de ser mediada pela actividade produtiva, ganhando relevo o seu carácter hedonístico.

From the devitalization to the new rurality: identities and destinations of the territory in Serra da Lousã

The territories that fit in denominations such as "deep rural", "marginalized areas" or "vigilance spaces" were left out of the development processes and reached, at times, almost irreversible levels of socio-economic devitalization. This is the recurrent perception in the dominant theoretical and political discourse. However, this vision shows a certain alienation in relation to new dynamics and tendencies that occur in some of these spaces, since many of them, due to their marginal nature, are disregarded and elude the official statistics

The Serra da Lousã fits into this scenery where, after decades of devitalisation, new actors have recently appeared that contributed to new forms of sociability and appropriation of the space. After carrying out a reconstitution of the socio-economic life of the traditional inhabitants and describing the exodus, we try to understand these new tendencies, through the definition of a typology of the new inhabitants of the Serra. These inhabitants, different from the former, have a distinct culture and identity, other ways of life and new forms of inter-relating. The link between the inhabitants and the territory is no longer mediated by the productive activity, and the hedonistic character gains importance.

1. Introdução

Os territórios enquadráveis em designações como "rural profundo", "zonas marginalizadas" ou "espaços de vigilância", ficaram à margem dos processos de desenvolvimento e atingiram, por vezes, níveis quase irreversíveis de desvitalização sócio-económica. Esta é a percepção recorrente no discurso teórico e político dominante. Contudo, esta visão manifesta um certo alheamento em relação a novas dinâmicas e tendências que se verificam nalguns destes espaços, até porque muitas delas, dado o seu carácter marginal, são desconsideradas e escapam à malha das estatísticas oficiais.

Este texto tem como base um trabalho de investigação empírica realizado num território definido pelo conjunto de nove lugares da Serra da Lousã¹. Para realização deste trabalho tomámos como ponto de partida as análises contidas num estudo de caso realizado por Monteiro (1985), que descreve este território, no início da década de oitenta, povoado por um pequeno e derradeiro grupo de habitantes envelhecidos. Pretendemos neste estudo averiguar as identidades dos actuais ocupantes do território definido por estes nove lugares, as formas de apropriação do espaço que protagonizam e como se socializam. Neste trabalho de actualização, pretendemos, também, compreender e descrever as novas dinâmicas sócio-demográficas entretanto ocorridas nestas aldeias.

A informação necessária à realização deste trabalho teve duas origens principais. Por um lado, consultámos diversos documentos, tais como monografias, actas de seminários e congressos, publicações periódicas locais e documentos estatísticos. Por outro lado, esta informação foi complementada com a realização de uma série de entrevistas qualitativas, em profundidade e com um grau de estruturação crescente, a um conjunto de actores. Entrevistámos de forma aberta os actuais habitantes do território definido, focando, como aspectos principais, a sua origem geográfica, as motivações da sua instalação, as actividades praticadas, as principais fontes de rendimento e, ainda, as formas como se percebem e relacionam entre si, dentro da aldeia e entre aldeias vizinhas. Entrevistámos também um técnico autárquico, de forma a identificar eventuais projectos desenvolvidos pela Câmara Municipal da Lousã na Serra bem como os planos para o futuro. Este trabalho de inquirição foi realizado em Julho de 2000.

¹ Cerdeira, Candal, Casal Novo, Catarredor, Chiqueiro, Silveira de Baixo, Silveira de Cima, Talasnal e Vaqueirinho.

Nesta estudo começaremos por descrever a economia da Serra, as formas de sociabilidade, a maneira como se processou o seu despovoamento e os indícios da inversão desta tendência, visíveis já em meados da década de oitenta. De seguida, após a elaboração de uma proposta de tipologia dos actuais residentes, procuraremos explicar as formas de apropriação do espaço de cada um dos tipos considerados, bem como as relações de sociabilidade que entre eles se estabelecem. Por último tecemos as conclusões. Este texto é uma versão melhorada de um conjunto de ideias que serviu de base a uma comunicação (não publicada) realizada no X Congresso Mundial de Sociologia Rural, que teve lugar no Rio de Janeiro, Brasil, em Agosto de 2000.

2. Da ocupação ao despovoamento das aldeias da Serra da Lousã

2.2. O sistema agro-pastoril da Serra da Lousã

Monteiro (1985) descreve-nos de uma forma relativamente aprofundada as actividades e os sistemas agrários das aldeias da Serra. A agricultura e a criação de gado eram as actividades predominantes, associando-se e relacionando-se num sistema de produção do tipo agro-pastoril de montanha. O trabalho era muito penoso e os rendimentos escassos, já que as terras de cultivo eram pobres, com declives acentuados e pouco apropriadas à agricultura. A este respeito, Monteiro (1985), refere que a inclinação era de tal modo acentuada que impedia a construção de socacos e obrigava os habitantes das aldeias a acarretarem para cima, em cestos, a terra levada pelas enxurradas montanha abaixo.

A mão de obra utilizada era a da família, complementada com a entre-ajuda e, muito pontualmente, com trabalho assalariado, recrutado localmente entre as famílias com menos terra. A forma de exploração dominante era a conta própria, assentando numa propriedade de reduzida dimensão e extremamente dividida. Os terrenos de utilização comunitária – os baldios- desempenhavam também um importante papel neste sistema, enquanto fonte de alimentação para os rebanhos.

Uma boa parte das terras era de sequeiro, mas os regadios constituíam um importante recurso, especialmente no Verão. As culturas mais frequentes eram o milho, o centeio, as couves, os feijões e a batata. Para além destas actividades, havia uma área importante ocupada com castanheiros e oliveiras. Os castanheiros eram aproveitados para madeira, destinada à construção, e para a produção de castanha, fruto indispensável à alimentação humana e dos animais. Das oliveiras obtinha-se o azeite, produzido localmente num dos quatro lagares que funcionavam no conjunto destas aldeias. Produzia-se também algum vinho, aguardente e mel.

Para além da agricultura, os habitantes da Serra dedicavam-se também à pastorícia. De acordo com o último dos habitantes do Talasnal, os rebanhos de cabras

e ovelhas eram conduzidos comunitariamente e à vez pelos habitantes da aldeia, em turnos proporcionais ao número de animais que possuíam. No Verão, os rebanhos pastavam nos baldios, situados a maior altitude e, no Inverno, desciam para pastagens de cotas mais baixas. Alguns agricultores dedicavam-se também à engorda de bezerras, utilizando nessa actividade a maior parte do leite produzido pelo rebanho. A principal função destes animais era o fornecimento de estrume mas, por vezes, eram também usados na função de tracção, constituindo esta a única força de trabalho não humana utilizada. Em aldeias com rebanhos de maior dimensão (Vaqueirinho e Catarredor) era feito algum queijo, vendido depois na vila da Lousã.

Se a agricultura se destinava quase em exclusivo ao autoconsumo, com o gado sucedia o inverso. A sua existência tinha como principal objectivo a obtenção da moeda necessária à aquisição dos bens essenciais que não eram produzidos pelos camponeses.

Como actividades complementares à agricultura surgia a recolha de lenha e o fabrico de carvão cujo destino principal era a venda na vila da Lousã, embora uma pequena parte fosse consumida localmente. A recolha de lenha era feita pelos membros mais jovens da família, quando o seu trabalho não era necessário na exploração. Já a produção de carvão era uma actividade especializada, exclusiva dos membros mais pobres da comunidade. As actividades comerciais e de prestação de serviços (barbeiros, sapateiros) eram insipientes asseguradas a tempo parcial por indivíduos cuja actividade principal era a agricultura.

2.2. Aspectos da sociabilidade tradicional nas aldeias da Serra

O conjunto das nove aldeias em estudo pode ser dividido em três sub-grupos que correspondiam a outras três diferentes esferas de sociabilidade: (1) Silveira de Cima, Silveira de Baixo e Cerdeira; (2) Candal, Catarredor e Vaqueirinho; e (3) Talasnal; Chiqueiro e Casal Novo (ver Figura 1). Este agrupamento é mais do que um exercício académico, pois para além de se usar o critério da proximidade entre as aldeias (e da facilidade de acesso entre elas), cada um dos sub-grupos partilhava uma capela e uma festa anual com baile, que geralmente era realizado no lugar maior. Apesar disso, de acordo com Monteiro (1985), toda a organização social se orientava muito mais pela família ou pela casa, do que pela aldeia ou sub-grupo de aldeias. As relações económicas passavam também muito pela relação de parentesco. Ainda de acordo com este último autor, a "renovação dos laços de parentesco através do matrimónio...(era realizada) ...tanto ou mais com os lugares do sub-grupo como com os lugares do mesmo sub-grupo."

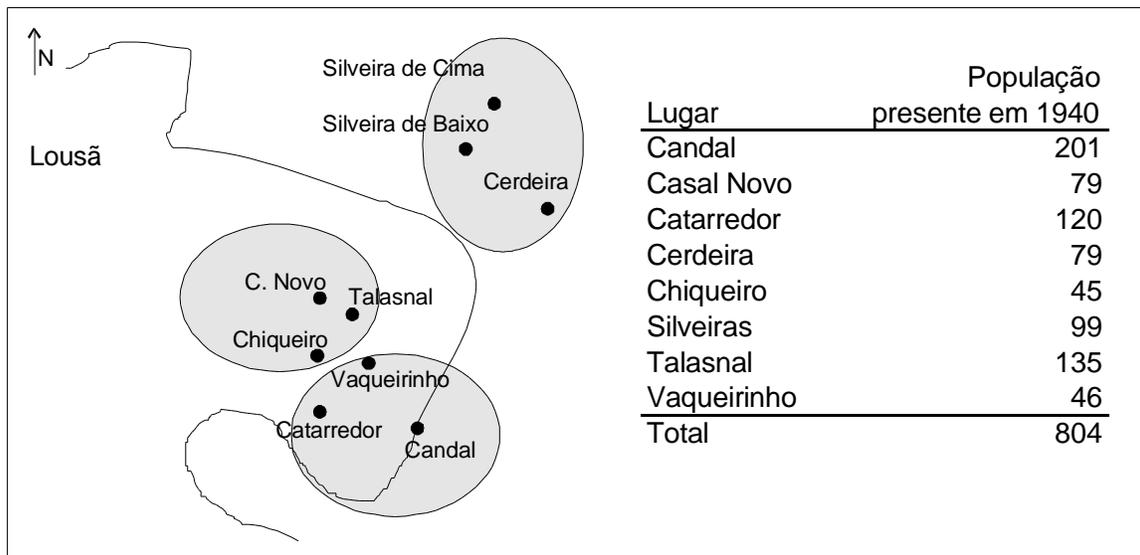


Figura 1 - Esferas de sociabilidade na década de 40 na Serra da Lousã (Fonte: RGP, 1960).

Cunha e Valente (1984), num estudo de reconstituição de parentesco realizado na aldeia do Candal, debruçam-se sobre as relações entre as diversas unidades familiares da aldeia procurando caracterizar as sociabilidades e cooperação e detectar o tipo de solidariedade ao nível de três esferas: no parentesco, no parentesco ritual e na vizinhança. Para estas autoras, as relações de sociabilidade não se manifestava tanto nas visitas periódicas que os indivíduos faziam, dada a organização do povoamento e proximidade das casas e dos encontros frequentes das pessoas, mas especialmente em ocasiões festivas, como sejam o Natal e o Ano Novo. Casamentos eram só para parentes mais próximos.

As sociabilidades jogavam-se muitas vezes ao nível das relações produtivas entre as famílias e do trabalho e da *entre-ajuda*, onde os grupos incluíam segundo Monteiro (1985) tanto familiares como não familiares. A *entre-ajuda* consistia num sistema que não envolvia um pagamento monetário, mas em que um indivíduo recebia uma quantidade de trabalho equivalente ao trabalho fornecido. Era necessária em actividades como a sementeira do milho, a ceifa e o retirar do estrume dos currais. Quando não havia a possibilidade de retribuição era utilizado o sistema de “chamar a pagar”, que incluía para além do pagamento do trabalho o fornecimento de uma refeição. Este sistema era utilizado em tarefas como retirar o estrume dos estábulos, “cavar” as oliveiras (de 4 em 4 anos) ou “malhar” o centeio, e os proprietários que se podiam permitir este pagamento recorriam predominantemente à mão-de-obra masculina (Monteiro, 1985).

A água de rega, e a infraestrutura hidráulica para a conduzir aos campos, era de utilização colectiva, embora o sistema de atribuição dos direitos de água estivesse relacionado com a dimensão das parcelas a regar. Como já referimos, os rebanhos de cabras e ovelhas eram conduzidos comunitariamente e à vez pelos habitantes de aldeia, em turnos proporcionais ao número de animais que possuíam. Até para o transporte dos mortos em padiola até ao cemitério na Lousã (inexistente nas aldeias) havia um calendário que percorria à vez as casas das aldeia do Talasnal. Convém ainda aqui referir que nas aldeias da Serra foi criada em 1917, com 31 membros, a *Sociedade de Seguro de Bois*, com o objectivo repartição dos prejuízos entre os associados em caso de acidente com os animais.

A reciprocidade assimétrica característica de um comunitarismo desigual, típico de algumas regiões de Montanha em Portugal, identificada por exemplo, por Brian O'Neil (1984) em Trás-os-Montes, não parece verificar-se com a mesma intensidade na Lousã. Aparentemente este facto deve-se à pouca ou quase inexistente estratificação social entre os habitantes destes lugares.

A exploração colectiva dos recursos não era, contudo, uma prática generalizada a todas as actividades e recursos. Os moínhos, lagares, alambiques e as eiras existentes nos lugares eram de propriedade privada, apesar de terem uma utilização colectiva pela população de uma aldeia.

2.3. O processo de esvaziamento das aldeias

Tal como grande parte das regiões de montanha da Europa, definidas pela Comissão Europeia (CCE, 1988) como zonas marginalizadas², a Serra da Lousã

² A Comissão Europeia (CCE, 1988), na tentativa de identificar e classificar a diversidade dos espaços rurais europeus, construiu uma tipologia baseada na evolução desses espaços, nos problemas-tipo aí dominantes e nas suas perspectivas de futuro. Por incorporar uma dimensão histórica, esta tipologia é bastante adequada ao estudo de uma região que, como a Serra da Lousã, sofreu profundas mutações sociais ao longo deste século. Esta classificação inclui três tipos diferentes de zonas: zonas sob pressão da evolução moderna, zonas em declínio rural e zonas marginalizadas. As primeiras, situam-se na proximidade de grandes centros urbanos ou com boa acessibilidade a partir destes ou ainda nas faixas litorais. Estão bem servidas de infraestruturas e beneficiaram de uma forte diversificação da economia e de uma paralela modernização e intensificação da agricultura, frequentemente com impactos ambientais muito negativos. Nas zonas em "declínio rural", é característico o continuado êxodo rural, quer sob a forma de emigração regional líquida quer sob a forma de emigração intra-regional das zonas rurais para as zonas urbanas, com o conseqüente envelhecimento da população rural e o declínio dos serviços públicos e das infra-estruturas de apoio a essas populações. Nestas áreas a agricultura tem ainda um peso significativo mas a sua evolução é fortemente limitada por questões naturais e estruturais, o que, associado a uma fraca diversificação da economia, se traduz por uma grande debilidade dos rendimentos familiares. Por último, as "zonas marginalizadas" são zonas de acesso difícil, frequentemente montanhosas, onde o despovoamento é muito forte, as possibilidades de diversificação da economia são ainda mais escassas e o desenvolvimento infra-estrutural particularmente oneroso. A zona em estudo pode inserir-se neste último tipo.

sofreu na última metade do século um processo de progressiva perda populacional que culminou no seu quase total despovoamento. Aqui, o fenómeno da emigração é muito antigo, embora com características inconstantes ao longo do tempo.

Já no século XIX, a necessidade de encontrar no trabalho assalariado exterior, um complemento ao escasso rendimento obtido na exploração, levou as gentes da serra, sobretudo jovens, a migrar para as ceifas no sul de Portugal e na vizinha Espanha. Mais tarde, essas deslocações passaram a ter como destino privilegiado a cidade de Lisboa, mas o Brasil e os Estados Unidos começaram a ganhar importância como pólo de atracção de emigrantes desta zona. Numa primeira fase, estas deslocações para o estrangeiro tinham geralmente curta duração e os emigrantes acabavam por regressar às suas aldeias de origem. Contudo, numa segunda fase, iniciada nos anos cinquenta, o regresso tornou-se bastante mais difícil, não só porque o grau de adaptação ao exterior foi melhorando, mas também porque o sistema agrário deixado na origem se desarticulou, principalmente como resultado do processo de florestação forçada dos baldios que entretanto ocorreu e inviabilizou a recuperação das práticas tradicionais que asseguravam a sobrevivência das populações. Citando Monteiro (1985: 273), retiraram-se aos “lugares serranos os terrenos que não foram considerados necessários a essa agricultura de subsistência, mas que lhes eram indispensáveis para a pastorícia. Como estes lugares não podiam viver sem os rendimentos desse gado (...) e estavam muito isolados para se poderem articular com empregos no sector capitalista, acabaram por desaparecer”.

Esta segunda vaga migratória assumiu contornos mais definitivos, pois conduziu a quase totalidade da população para fora da Serra. Como mostram os dados demográficos (Quadro I) esta tendência começou por volta dos anos cinquenta, tendo-se prolongado pelas décadas seguintes. No início dos anos oitenta, as aldeias em estudo, com excepção do Candal, única aldeia servida por estrada alcatroada, estavam praticamente desertas.

³ Nos dados definitivos do Recenseamento Geral da População, 1991, o Candal surge com 22 habitantes. No entanto, neste recenseamento, a Cerdeira foi integrada no Candal por já não dispor do número mínimo de fogos para ser considerada um lugar. Optámos por distribuir estes habitantes pelas duas aldeias, de acordo com o seu peso relativo, em termos de população presente, nos dados preliminares do mesmo recenseamento.

Quadro I - Evolução da População entre 1911 e 2000

Lugares	Pop. Pres. 1911	Pop. Pres. 1940	Pop. Res. 1960	Pop. Res. 1970	Pop. Res. 1981	Pop. Res. 1991 (3)	Pop. Res. 2000 (*)
Candal	129	201	100	72	19	14	2
Casal Novo	58	79	43	32	0	0	0
Catarredor	109	120	67	23	2	5	15
Cerdeira	75	79	51	18	0	8	2
Chiqueiro	22	45	26	12	4	4	3
Silveiras	108	99	41	22	0	n.d	0
Talasnal	129	135	90	59	2	0	2
Vaqueirinho	43	46	29	20	0	7	4
Total	673	804	447	258	27	38	28

Fonte: Rec.Geral da Pop., 1960, 1970 e 1981 e Censos 91

n.d - dados não disponíveis

(*) Apuramento obtido no trabalho de campo

2.4. Inversão de uma tendência: do abandono à emergência novas realidades

Como referimos, o território sobre o qual dirigimos as nossas observações ficou, na década de 70, quase vazio dos seus tradicionais ocupantes, fruto de vagas migratórias com carácter definitivo, sem retorno. No início da década de 80 novos actores surgiram, se instalaram e se apropriaram deste espaço, ainda que de uma forma distinta dos anteriores ocupantes. A respeito das aldeias do Talasnal e do Casal Novo, Monteiro (1985) refere que, embora já lá não existissem os habitantes antigos “há por outro lado muitas casas que foram compradas a preços muito baixos, por gente de Coimbra e Lisboa, muitos deles médicos e advogados, tendo alguns deles feitos arranjos nas casas e indo passar lá fins-de-semana e férias”.

Por outro lado, o autor encontrou no Vaqueirinho, “um grupo de gente nova, (...) desenvolvendo uma outra tendência, bastante comum em países como a Alemanha, que é a opção ecológica por uma vida perto da natureza; a sua instalação não é porém, em geral, permanente, nem, provavelmente, auto-suficiente, e o núcleo central não ultrapassa a meia dúzia de pessoas”. Entre outros aspectos de pormenor este autor refere ainda o caso da aldeia do Candal, onde verificou a existência de “uma dúzia de pessoas, na maioria reformadas mas trabalhando as terras”. Contudo, de então para cá, e particularmente nos últimos cinco anos, a população desta aldeia decresceu drasticamente, em resultado da morte dos mais idosos e da partida daqueles que, entretanto, ficaram sem companheiro.

Quanto às outras tendências referidas pelo autor, elas acentuaram-se no final da década de oitenta e na década de noventa. Para além do Casal Novo e do Talasnal, o

fenómeno da segunda habitação alastrou a quase todas as aldeias, com excepção das Silveiras, cujas casas continuaram desocupadas e estão actualmente em ruínas. No Catarredor e na Cerdeira, verificou-se entretanto um movimento semelhante ao que Monteiro (1985) havia já identificado no Vaqueirinho: a ocupação por habitantes com uma cultura próxima da cultura *hippie*, maioritariamente oriundos de outros países europeus. A população destas comunidades apresenta algum carácter flutuante mas há um núcleo central que se mantém constante há já vários anos.

Estas tendências não foram, no entanto, suficientes para que a densidade populacional atingisse sequer valores próximos dos que observavam em 1960 e 1970. Apesar disso, as aldeias da serra mantêm uma certa dinâmica social que é imprimida não só pelos novos habitantes mas também por aqueles que fazem dela local de visita, especialmente pelos que, utilizando ou não uma habitação própria, aí permanecem algum tempo.

3. Novas formas de apropriação e de sociabilidade nas aldeias da Serra da Lousã

3.1. Uma tipologia dos ocupantes do Serra

Dotados de uma racionalidade e cultura necessariamente distinta, estes novos actores desenvolvem ainda novas formas de estar e de sociabilidade nas várias aldeias da Serra da Lousã.

De forma a simplificar a leitura das realidades existentes procurámos estabelecer uma tipologia que pudesse organizar num esquema analítico estes novos ocupantes. Encontrámos basicamente 4 tipos de ocupantes que, por vezes, são susceptíveis de serem subdivididos em alguns sub-tipos:

Para definir estes tipos adoptaremos a seguinte terminologia: “Os Serranos”, para designar os habitantes tradicionais da Serra, os reformados agricultores; “Os Neo-rurais”, indivíduos que se instalaram recentemente na Serra e possuem um padrão de comportamento que se aproxima da cultura *hippie*; os “Detentores de Segunda Habitação”, aqueles que compraram uma casa nas aldeias da Serra e que a utilizam para lazer; e ainda outro tipo de ocupantes que são fundamentalmente os turistas.

3.1.1. Os Serranos

À data da realização deste estudo não foi possível identificar habitantes com uma relação do tipo tradicional com o espaço, como ainda era possível encontrar há 30 anos atrás. As situações que mais se aproximam daquilo que se pode considerar uma *situação tradicional* são 7 habitantes distribuídos pelo Talasnal (2), Chiqueiro (3) e Candal (2) que, embora se dediquem à agricultura de tipo familiar, possuem todos eles fontes complementares de rendimento por via das transferências da segurança social (pensões e reformas). Os mais idosos orientam-se para a policultura de autoconsumo de dimensão muito reduzida, nas parcelas melhor situadas, junto à sua habitação, por vezes em terras que pertencem aos ausentes. A área contígua às aldeias está normalmente abandonado com excepção do Chiqueiro onde é utilizada para pastagem do rebanho aí existente.

Para estes indivíduos, a agricultura surge não tanto como fonte de rendimento mas mais como forma de obtenção de produtos para o seu próprio consumo e consumo da família, mas mais como forma de ocupação do tempo e manutenção de alguma actividade física e mental, e ainda como forma de protecção contra o avanço do mato junto às suas habitações e o constante perigo de incêndio.

O casal menos idoso pratica uma agricultura especializada mais direccionada para o mercado, ocupando-se com um rebanho de cerca de 150 cabras. A mão de obra é esmagadoramente familiar mas para os trabalhos mais pesados recorrem pontualmente a trabalho assalariado, normalmente recrutado entre os Neo-rurais.

3.1.2. Os Neo-rurais

Este grupo distribui-se por três das aldeias estudadas: Catarredor, Cerdeira e Chiqueiro. É maioritariamente constituído por indivíduos oriundos da Europa Central, embora seja possível encontrar alguns portugueses de origem urbana. Ao todo são 21 indivíduos, entre os quais é possível encontrar algumas crianças. As que estão em idade escolar frequentam a escola na vila da Lousã. A Câmara Municipal assegura o seu transporte, uma novidade em relação aos tempos em que as crianças frequentavam a escola primária na própria aldeia ou aldeia vizinha. Quando as crianças atingem a adolescência muitas vezes os pais mudam-se para a vila.

Foi difícil averiguar a origem dos rendimentos destes indivíduos. De acordo com as entrevistas realizadas aos próprios e outros habitantes foi perceptível que os seus

rendimentos provêm ainda, maioritariamente, dos países de origem, e consistem em transferências dos sistemas de segurança social aí existentes ou em salários relativos a trabalhos temporários que por lá encontram.

Este grupo constitui também uma reserva de mão de obra disponível para a prestação sazonal de serviços na serra, seja às comissões de baldios das aldeias, as entidades gestoras do baldios, participando em tarefas como a limpeza de caminhos e valas, a construção de tanques de armazenamento de água, a recuperação de edifícios e a limpeza de matos nas zonas florestadas, seja ao único agricultor com alguma dimensão que ainda se encontra na serra.

A agricultura já teve uma importância significativa na economia destas comunidades mas actualmente é praticada por uma minoria, em pequenos quintais, e destina-se exclusivamente ao autoconsumo. Também aqui o território envolvente da aldeia está abandonado e entregue ao desenvolvimento desordenado da vegetação natural, o que faz aumentar os perigos de incêndio.

E ainda curioso observar que em qualquer destas aldeias existem estabelecimentos de apoio aos visitantes (dois cafés e uma casa de turismo rural), explorados por moradores. Um destes indivíduos dedica-se ainda a trabalhos de artesanato que comercializa em feiras da especialidade. Note-se que as peças produzidas por esta artesã, embora de inspiração local, não se enquadram nas formas tradicionais de artesanato, que possuíam um carácter mais utilitário e menos decorativo.

Alguns destes indivíduos possuem formação superior ou formação profissional muito especializada, facto que intriga sobretudo os habitantes tradicionais para quem é difícil aceitar que pessoas com este nível de formação, ao qual atribuem um elevado estatuto, se sujeitem a estas condições de vida e de trabalho, o que, naturalmente, origina suspeição e desconfiança.

3.1.3. Os detentores de 2ª habitação

De acordo com entrevistas realizadas a vários proprietários destas casas, muitos dos novos donos são levados a adquirir e a reconstruir uma casa por impulso ou capricho seguindo a moda do momento. Muitas destas são muito pouco utilizadas ou mesmo abandonadas. Os novos ocupantes, presentes apenas nos fins de semana e férias, estão instalados fundamentalmente nas aldeias do Casal Novo e Talasnal, aldeias que se localizam mais próximo à Vila da Lousã.

Utilizando a metodologia seguida por Castelo e Ferreira (1988) num estudo sobre a segunda habitação em meio rural na Serra de Sintra em Portugal, consideraremos três eixos na abordagem deste fenómeno: (1) o nível das formas apropriação, concepção e organização do espaço físico, (2) o nível de afectação económico-sociais do solo e (3) o nível das estratégias económico-sociais definidas pelas famílias locais.

Em relação ao primeiro nível, a segunda habitação introduz novos elementos na localidade, contribuindo para uma alteração da paisagem global. Exemplo disso são as alterações na forma de utilização de construções e espaços envolventes da casa, o arranjo de caminhos a criação de varandas e pátios panorâmicos que, embora utilizando materiais locais, introduzem um carácter diferente e novo às aldeias. Por outro lado, as pessoas não constróem novas casas, ficando-se pela reconstrução dos imóveis já existentes. Como os seus interesses e motivações são diferentes dos antigos habitantes das aldeias, a segundas habitações tendem a alargar-se e são assim construídos pátios, alpendres, piscinas, instalações para a realização de grelhados, garagens para automóveis, sem, contudo, e aparentemente se verificar um fenómeno de concorrência generalizado. Ou seja, e como referem os autores citados (1988), os novos proprietários "introduzem novas formas de estetização do espaço (...) que contrastam com as formas originais de ordenamento do território."

Ao nível da afectação económico-social do solo pouco há dizer no caso específico das aldeias da Lousã. Isto porque não há indícios de concorrência ao nível da utilização dos solos. Como referirmos, as aldeias sofreram um fenómeno de despovoamento quase total. No Casal Novo, aldeia onde se verifica com maior intensidade o fenómeno da segunda habitação, a agricultura e a pastorícia há muito que desapareceram. Por outro lado os interesses destes novos ocupantes resumem-se à reconstrução de casas antigas, não existe pressões da afectação económico-social do solo.

Finalmente, o fenómeno da segunda habitação nas aldeias da Serra da Lousã não fez emergir novas formas de racionalidade económica no seio das famílias locais, tal como aconteceu noutras zona. Isto acontece porque estas famílias autóctones partiram na sua quase totalidade.

Resta-nos saber quem são, como são, de onde vêm e como utilizam as casas. Cravidão (1989) estuda com alguma profundidade este fenómeno nas aldeias do Talasnal e Casal Novo, apresentando a Serra da Lousã como um exemplo de reutilização do espaço rural que salvaguarda "...o meio e o património cultural." Neste

trabalho são caracterizados de uma forma pormenorizada “os utentes” e as “residências secundárias”. Para esta autora, o processo de reconstrução das casas é encarado como ocupação dos tempos livres ou *hobby*. Cerca de 64% dos habitantes participou directamente nos trabalhos de recuperação e restauro da casa que comprou. Em relação à localização da residência principal, a grande maioria dos proprietários é proveniente de Coimbra, a cidade mais próxima, situada a 30-40 Km do conjunto de aldeias. A maioria destes proprietários encontrava-se em 1989 na faixa etária dos 30 a 49 anos, embora a maior percentagem de utilizadores das casas se situe na faixa etária dos 30 aos 39 anos. Cerca de 80% dos proprietários possuem formação superior, encontrado-se ligados ao sector terciário: 31% são médicos e 30% são professores.

Não foi fácil encontrar os detentores de segunda habitação. Verificámos que, salvo alguns turistas de passagem, a aldeia do Casal Novo se encontrava completamente deserta, mesmo ao fim-de-semana. Ainda de acordo com Cravidão (1989) a frequência de utilização é bastante irregular ao longo do ano e a distância ao domicílio principal é um regulador do tempo de utilização. Esta autora refere que a média de utilização destas casas se situa nos 42 dias por ano, variando esta utilização na amostra estudada, entre um mínimo de 5 dias até um máximo de 100 dias por ano. Neste estudo são ainda apontadas as razões para a compra destas habitações na Serra e elas são: a tranquilidade, a paisagem, ruralidade, a fuga ao quotidiano urbano, a ausência de poluição, o contacto com a natureza e o silêncio. Cabe ainda aqui referir que algumas casas continuam ainda a pertencer aos antigos habitantes da Serra ou dos seus familiares, que passaram a usar a sua casa como segunda habitação. Este fenómeno é particularmente notório na aldeia do Candal .

3.1.4. Outros

Para além dos grupos identificados, a Serra da Lousã é ainda usada por outro tipo de pessoas. Lemos (1988) descreve uma excursão que gente ilustre realizou à Serra da Lousã em 1839. Desta excursão resultou um relato que contribuiu de forma determinante para a divulgação da Serra como destino turístico. No centésimo quinquagésimo aniversário desta visita foram organizadas pela Câmara Municipal umas jornadas sobre a Cultura e Turismo na Lousã, o que atesta a importância local atribuída a este sector. Para além da beleza bucólica da Serra, bem ao gosto romântico do século passado, os turistas procuram fundamentalmente, as míticas *aldeias abandonadas* da Serra da Lousã. Existe pela Serra alguma oferta de casas

para alugar, sendo estas divulgadas pelo posto de apoio ao turismo existente na Vila. Estas casas concentram-se sobretudo no Talasnal e Casal Novo.

Para além deste tipo de turistas, que geralmente passam fins-de-semana ou períodos curtos na serra, na aldeia do Talasnal estão instaladas duas instituições de carácter associativo. Estas associações possuem também casas que podem ser alugadas e que podem albergar grupos até 20 pessoas. É comum ver grupos com alguma dimensão instalados nestas casas por vezes durante uma semana ou mais o que, segundo uma detentora de segunda habitação, sempre dá alguma vida à aldeia e proporciona algum controlo social. Segundo informações recentes está prevista a instalação de mais uma instituição deste tipo na antiga escola do Talasnal. Esta terá que ser restaurada, pois está abandonada desde os anos 70 encontra-se muito vandalizada.

3.2. Novos habitantes, novas sociabilidades

É difícil falar de sociabilidade no interior de cada aldeia, uma vez que a maioria delas está despovoada. Nas aldeias com um nível populacional significativo, como é o caso do Catarredor, essas sociabilidades reflectem sobretudo vivências trazidas de contextos anteriores e não novas formas geradas pelo novo modo de vida ou a incorporação das formas tradicionais.

Com o esvaziamento dos seus habitantes tradicionais as esferas de sociabilidade atrás identificadas desapareceram quase por completo. As festas tradicionais dos conjuntos das esferas de sociabilidade Talasnal + Chiqueiro + Casal Novo e Candal + Catarredor + Vaqueirinho realizavam-se até há pouco tempo e com possibilidade de voltarem a ocorrer. São organizadas por antigos habitantes que moram nas proximidades e têm uma ampla participação dos antigos moradores e seus descendentes. Como nos foi referido, nestas festas ainda soa por vezes uma concertina tocada por um dos "antigos" que vem de Lisboa expressamente para estas festas.

Os novos habitantes também organizam festas, evidentemente noutros moldes. No Verão, no Catarredor, são organizados concertos e bailes que pouco ou nada têm a ver com as festas tradicionais e com a cultura tradicional da Serra. Os habitantes das outras aldeias não participam, mesmo aqueles que possuem afinidades em termos culturais. Participam sobretudo outros estrangeiros (sobretudo ingleses, neo-rurais instalados em aldeias dos concelhos vizinhos) e, mais recentemente, alguns jovens da vila da Lousã. Estas festas merecem da população da Lousã alguma

desconfiança e crítica, que as associam ao consumo de estupefacientes e a uma certa degradação moral.

De qualquer forma e ao nível da Serra parecem existir contactos menos frequentes entre as pessoas do que existiam anteriormente, mesmo tendo em conta que a população da Serra decresceu em 60 anos cerca de 96% (ver Quadro 1). Verificámos que os habitantes de cada uma das aldeias sabe quem habita nas aldeias vizinhas, estabelecem em relação a eles opiniões muito marcadas, mesmo, por vezes, sem com estes ter qualquer tipo de afinidade. É interessante notar que mesmo entre populações que têm afinidades nítidas, por exemplo de nacionalidade e cultura, a sociabilidade é quase inexistente. É muita rara, por exemplo, a convivência entre os Neo-Rurais do Catarredor e o Vaqueirinho (aldeias que se avistam) e mesmo entre estes os habitantes da Cerdeira.

Uma das poucas formas de sociabilidade encontradas foi através do fornecimento de trabalho dos neo-rurais às comissões de baldios, garantido a conservação de edifícios e outras infraestruturas das diversas aldeias, e também a uma exploração agrícola. Como já referimos esta atitude não deixa de causar estranheza aos Serranos e aos detentores de Segunda habitação que habitam na Lousã, visto que alguns destes indivíduos possuem nível de formação que os isentaria da necessidade da realização de trabalho braçal.

O nível de relações de sociabilidade com os habitantes da vila varia com o tipo de habitante da Serra. Os Serranos sociabilizam-se de uma forma mais alargada com a família e amigos, muitos dos quais antigos habitantes destas aldeias. Os Neo-rurais relacionam-se com a vila de forma limitada, restringindo-se quase exclusivamente a relações comerciais e procura de serviços como sejam a mercearia, a escola para as crianças, banco para as transferências monetárias dos países de origem, serviços postais, etc. Existem também alguns Neo-rurais instalados na vila que habitaram nas aldeias da serra.

Os habitantes neo-rurais oferecem resistência à visita de turistas e os outros tipos de habitantes têm preconceitos em relação a estes (droga, higiene, motivações da vinda). O mesmo acontece com a população da Lousã. Por outro lado, os neo-rurais imputam ao Estado preconceitos e imobilismo face à população da serra. Afirmam que os serviços públicos funcionam mal e deixam sempre a serra para último e que, além disso, os habitantes da serra são desconsiderados e nunca figuram como possíveis interlocutores para o desenvolvimento ou mesmo manutenção desse espaço.

4. Conclusões

A época de profunda mutação da Serra da Lousã ocorreu nas décadas de cinquenta, sessenta e setenta, período durante o qual, por razões externas e internas, a emigração adquiriu contornos definitivos e originou o abandono quase absoluto deste espaço. O escasso povoamento permanente que a partir daí se verificou, assentou essencialmente em indivíduos, a que chamámos neo-rurais, oriundos de outros países, com uma cultura muito própria, cujas formas de sociabilidade e de apropriação do espaço nada tinham que ver com as dos antigos habitantes. Ao contrário destes, que utilizavam toda a serra para as suas actividades agro-pastoris, estes novos habitantes, restringem a utilização do espaço aos limites da aldeia e, mesmo aí, não estabelecem com ele uma relação do tipo produtivo. Utilizam-no antes numa perspectiva mais ecológica, como espaço natural e fonte de bem estar. As suas formas de sociabilidade obedecem a uma lógica que foi trazida de fora e que não incorporou hábitos e tradições locais, pelo que as relações com os restantes habitantes da serra não são pacíficas.

Os serranos, antigos habitantes que permaneceram ou voltaram e cujo número pouco ultrapassa a meia dúzia, são reformados, quase todos com uma idade muito avançada, impossibilitados de continuar a praticar as actividades económicas tradicionais e de garantir a ocupação produtiva do espaço. Devido à reduzida dimensão das comunidades a que pertencem (duas ou três pessoas) a sociabilidade interna é extremamente restrita e, por desconfiança, só pontualmente se relacionam com os neo-rurais.

A juntar a estes dois grupos, a ocupação da serra é também assegurada, ainda que de forma não permanente, pelos detentores da segunda habitação. Estes indivíduos têm origens exteriores à serra e relacionam-se com o espaço de forma hedonística, procurando usufruir da paisagem, da calma e do ar puro. As relações de sociabilidade que estabelecem dentro do grupo são escassas pois só ocasionalmente se encontram, o mesmo se passando com os residentes da serra.

Não é pois exagero, afirmar-se que as relações sociais entre os diferentes tipos de habitantes da serra são quase inexistentes. O relacionamento é especialmente difícil entre os neo-rurais e os outros. Como resultado, observa-se uma grande especialização das aldeias em termos de ocupação (Figura 2). Nas aldeias onde se instalaram neo-rurais não há serranos e o fenómeno da segunda habitação quase não teve lugar. Nas aldeias onde o fenómeno da segunda habitação é anterior à chegada

dos neo-rurais estes não puderam instalar-se porque lhes foram criados entraves à compra de casas. O Talasnal é aldeia mais concorrida, onde, com excepção dos neo-rurais é possível encontrar todos os outros tipos de ocupantes, incluindo turistas e associações recreativas.

Relativamente à apropriação do espaço, a agricultura e a pastorícia perderam quase toda a importância. Observámos, usando as palavras de Baptista (1993), que a agricultura deixou de unificar a sociedade rural com o seu espaço e que este emergiu como uma questão autónoma alheia ao controlo dos actuais habitantes. A apropriação do espaço tem um carácter mais psicológico do que efectivo. Os ocupantes da serra, especialmente os residentes, sentem que a serra lhes pertence mas, com excepção do espaço restrito da aldeia onde moram, não a exploram nem a ocupam. Esta autonomização facilita a emergência de novos problemas como o desenvolvimento da vegetação em torno das aldeias, nas parcelas e caminhos, tornando o território mais vulnerável aos incêndios.

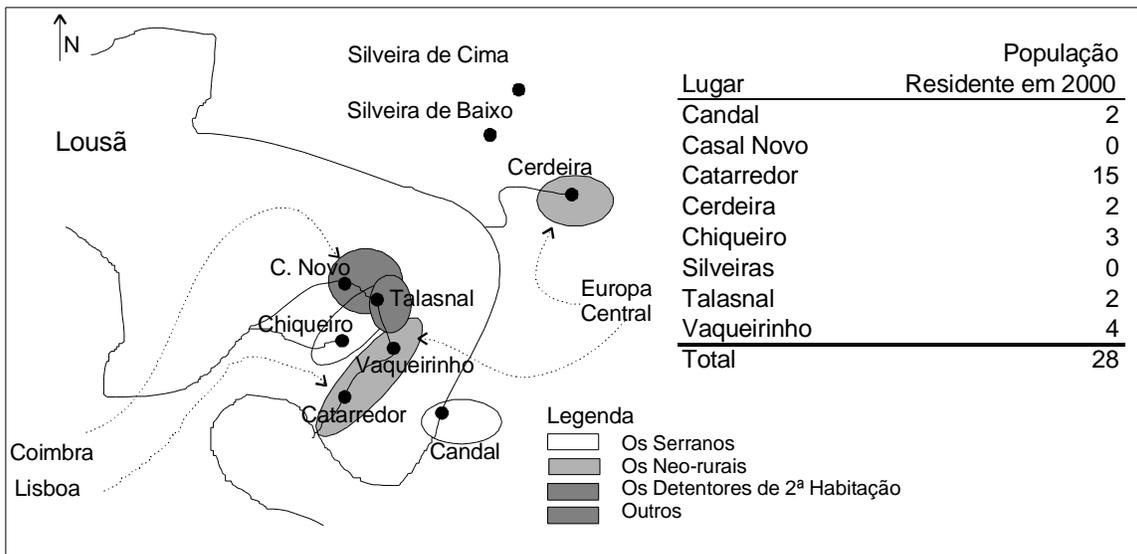


Figura 2 - Distribuição dos diferentes tipos de ocupantes pelas aldeias da Serra da Lousã em 2000

Mesmo que restringimos o espaço ao interior das aldeias, o desejo de apropriação é agora menos intenso do que outrora, na medida em que a população decresceu drasticamente e, com ela, a pressão sobre o solo. O esvaziamento populacional, associado à falta de controlo social, originou novos problemas na serra. As habitações ficaram à mercê dos assaltantes, alguns dos quais bem organizados, sendo as casas dos detentores da segunda habitação alvos preferenciais. Por outro lado, as casas abandonadas entram com maior facilidade num processo de degradação e ruína que desfigura as aldeias e destrói o passado.

Referências Bibliográficas

- Baptista, Fernando Oliveira (1993). *Agricultura, espaço e sociedade rural*. Fora do texto, Coimbra, 113 p.
- Castelo, Alexandra e Ferreira, Claudino (1988). *Segunda Habitação em Meio Rural: Fontanelas, uma Aldeia no Concelho de Sintra*. 1º Colóquio Hispano-Português de Estudos Rurais, Évora, 22 p.
- Cavaco, Carminda (1994). *Do Despovoamento Rural ao Desenvolvimento Local*. Estudar e Intervir, Programa das Artes e dos Ofícios Tradicionais, Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, Lisboa, 259 p.
- CCE (1988) - *O futuro do mundo rural: Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu e ao Conselho*. Boletim das Comunidades Europeias; Suplemento 4/88. Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, Luxemburgo, 71 p.
- Cravidão, Fernanda Delgado (1989). *Residência Secundária e Espaço Rural. Duas Aldeias na Serra da Lousã Casal Novo e Talasnal*. Gabinete de publicações Coleção Estudos 10. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 90 p.
- Cunha, Manuela Ivone e Valente, Maria do Sameiro (1984). *Reconstituição de Parentesco numa Aldeia da Serra da Lousã*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 67 p.
- Lemos, Manuel Nicolau (1988). *Uma Viagem de Turismo à Lousã de outros Tempos*. In *Jornadas de Cultura e Turismo*, Câmara Municipal da Lousã, Lousã, pp. 127-130
- Monteiro, Paulo (1985). *Terra que já foi terra: análise sociológica de nove lugares agro-pastoris da Serra da Lousã*. Edições Salamandra, Lisboa, 290 p.
- O' Neill, Brian (1984). *Proprietários, Lavradores e Jornaleiros: desigualdade social numa aldeia transmontana, 1870-1978*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, pp. 91-114

Fontes estatísticas

- X Recenseamento Geral da População: 1960, INE, Lisboa, 1963.
- 11º Recenseamento Geral da População: 1970, INE, Lisboa, 1973.
- XII Recenseamento Geral da População: 1981, INE, Lisboa, 1983
- Censos 91: resultados definitivos, INE, Lisboa, 1993.